

A SOBREVIVÊNCIA DE UMA VARIEDADE LINGÜÍSTICA DE MENOR PRESTÍGIO NO ESTADO DE GOIÁS — BRASIL

Norma Simão Adad Mirandola (UFG)

1. O PORTUGUÊS DO BRASIL: ESTUDOS

Não é recente a preocupação para com os falares brasileiros e a língua portuguesa.

Estudos diversos têm ocorrido, em diferentes pontos geográficos, que mostram quão heterogêneos são os objetivos que norteiam tais empreendimentos. Para constatar, basta a leitura dos textos coligidos por Edith Pimentel Pinto, a partir de 1820 até 1945. Esta seleção dá idéia dos contornos e da consistência dos documentos existentes sobre o assunto Português do Brasil (Cf. 1978, v. 1/1981 v. 2 e v. GLANDSTONE, 1975 p. 1-15).

Mesmo considerando o volume dos textos produzidos sobre o assunto, continuam, contudo, ainda hoje, na última década do século XX, raros os trabalhos de lingüista, voltados ao estudo das variedades lingüísticas do português, buscadas diretamente em pesquisas nos locais das suas realizações, visto esses trabalhos de pesquisa de campo exigirem a recolha lingüística no momento da sua produção, direta da boca do falante. A recolha do material ao vivo é hoje exigência ligada à constituição do "corpus" que, em seguida a sua organização, deve o material percorrer as trilhas do rigor da análise científica com o auxílio da Lingüística e congêneres: Sócio-lingüística, entre outras teorias e doutrinas.

Uma expressiva *Bibliografia dialetal brasileira* (ARAGÃO, 1988), com pouco mais de quinhentos títulos, permite não só a constatação das publicações produzidas, como também oferece um panorama diversificado dos trabalhos publicados de estudiosos voltados ao estu-

do da Dialetoлогия e suas confluências, no país. Evidenciam o fato de que é crescente o número dos trabalhos voltados aos estudos dialetológicos, na área da Fonética e da Fonologia em especial, e que há novos interesses voltados à dialetologia urbana, como o “Projeto NURC” (v. CASTILHO, 1973, p. 21-25).

Tudo leva a crer que, no Brasil, foi a partir das três últimas décadas (70 a 90) que avultaram as pesquisas dialetológicas, do português ao vivo, na conformação da chamada “mentalidade dialetológica” tão incentivada por Nelson Rossi, no I Seminário de Linguística de Marília, em 1966. (Cf. *Alfa*, 1967).

2. SITUAÇÃO DE OBRAS NA CONFORMAÇÃO DA DIALETOLOGIA BRASILEIRA:

Alguns dados informativos podem ser aqui levantados, situando algumas obras, para dar uma idéia, embora de forma alinhavada, da trajetória da Dialetoлогия Brasileira.

Ainda em 1916, Vergílio de Lemos afirmava: “A dialetologia ainda não se constituiu entre nós numa disciplina autônoma, com objetivo, programa e métodos próprios” (Apud SILVA NTO, 1976, p. 13).

Antes dessa data, contudo, alguns investigadores de regionalismos conseguiram documentar no país, por abordagens assistemáticas ou voltados às determinações da Filologia, características linguísticas que hoje constituem material de inestimável valor, como contribuição aos estudos dialetológicos, embora a metodologia e os parâmetros seguidos não fossem os partidos da Linguística.

Como indício da etapa anterior a de 1916, além de outras referências (v. SILVA NETO, 1976, p. 200-205), pode ser citada, para exemplificar o trabalho daqueles lingüistas, a “Coleção e vocábulos e frases usados na Província de São Pedró do Rio Grande do Sul”, de Antônio Álvares Pereira Coruja, publicada na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 1852, t. 15. Ainda, do século passado, de 1853, deve ser ressaltada a publicação do “Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa”, de Brás da Costa Rubim.

Já em 1913 apareceu mais uma tentativa de limitação areal de vocabulário, com o surgimento do “Dicionário de brasileirismos, peculiaridades pernambucanas”, veiculado pela *Revista do Instituto Histórico Geográfico*. (Cf. t. 76).

Mas, no Brasil, um pioneirismo renovador nos estudos linguísticos, rumo à configuração da Dialetoлогия, aflorou no trabalho de Amadeu Amaral, *O Dialeto caipira*. Estudo esse iniciado, em parte,

durante a primeira década do século XX, por volta de 1916 (Cf. DUARTE, Prefácio. In. AMARAL, 1976. p. 24). O autor coligiu abundante material lexicológico e fez seu estudo lingüístico, saindo publicado, em 1ª edição, em 1920. Logo na introdução da obra o autor faz certas considerações sobre as suas averiguações e diz:

“O falar do Norte do país não é o mesmo que o do Centro ou o do Sul. O de São Paulo não é igual ao de Minas. No próprio interior deste Estado se podem distinguir sem grande esforço zonas de diferente matiz dialetal — o Litoral, o chamado ‘Norte’, o Sul, a parte confinante com o Triângulo Mineiro.

Seria de se desejar que muitos observadores imparciais, pacientes e metódicos se dedicassem a recolher elementos em cada uma dessas regiões, *limitando-se estritamente ao terreno conhecido e banindo por completo tudo quanto fosse hipotético, incerto, não verificado pessoalmente*”. (Cf. AMARAL, 3 ed. 1976, p. 43).

No *O dialeto caipira*, AMARAL documenta estuda e valoriza a face da linguagem oral, investigada e recolhida ‘in loco’ no interior de São Paulo. Nessa obra veicula e recomenda uma metodologia pertinente ao estudo; estimula e incentiva pesquisadores para empreenderem trabalhos semelhantes. Frisa sobre a importância da coleta de material ao vivo. Em outras palavras, convoca ao trabalho coletivo os estudiosos da época para o necessário campo das investigações sobre os falares brasileiros com bases na realidade. (v. AMARAL, p. 44).

Seguiram a essa obra muitas outras, algumas confessadamente incentivadas pela obra de AMARAL, outras seguindo-lhe os passos (v. MARROQUIM, 1945, p. 15). Foram se multiplicando. Todas vieram a colaborar para a confirmação da pluralidade de linguagens existe no português do Brasil. Eis algumas dessas obras que, a seguir, vamos citar e comentar:

1. Em 1922, Antenor Nascentes traçou as linhas gerais do linguajar da cidade do Rio de Janeiro na obra intitulada *O linguajar carioca em 1922*. Obra refundida em 1953. Recebeu novo título — *O linguajar carioca*. Neste estudo há uma proposta de divisão dialetal do Brasil (v. NASCENTES, 1953. p. 25). Sobre esta obra escreveu CÂMARA Jr.: “Em *O linguajar carioca*, Nascentes estabeleceu a primazia da fonologia e da gramática para caracterizar um dialeto, superando a fase de mera coleta de termos regionais”. (*Vozes*, 1966. p. 459-462).
2. Em 1933, surgiu a obra de Clóvis Monteiro, uma tese de concurso, sob o título *A linguagem dos cantadores*.

3. Em 1934, apareceu *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*, obra em que o próprio autor Mário Marroquim explicita: “No presente trabalho, estudo a língua popular de Alagoas e Pernambuco, englobando as duas populações debaixo de um só aspecto dialetal. A formação histórica e étnica dos alagoanos e pernambucanos é uma só, e idêntica é a sua orientação lingüística” (Cf. MARRROQUIM, 1945. p. 21).
4. Em 1938 foi publicado o estudo de Elpídio Ferreira Paes, pesquisa fonética do falar gaúcho, sob o título: *Alguns aspectos da fonética sul-riograndense*.
5. No mesmo ano, 1938, foi editada na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo* a pesquisa “O falar mineiro”, pesquisa de José Aparecida Teixeira; produto de investigação das “características gerais, morfológicas e sintáticas, constatadas em diversas regiões do Estado, (de Minas Gerais) representadas no triângulo, e zonas centralizadas pelos municípios da Capital, de Alfenas, S. João Del Rey, Pouso Alegre, Teófilo Otoni, Manhuassu”. (Cf. TEIXEIRA, 1938. p. 11). Assinala as ocorrências lingüísticas encontradas no falar mineiro e, no decorrer de suas análises, remete, por vezes, o leitor do conhecimento de fenômenos análogos encontrados na linguagem carioca por NASCENTES; na linguagem pernambucana e alagoana por MARROQUIM e na linguagem paulista por AMARAL (Cf. TEIXEIRA, 1938. p. 14, 15, 42, 75).
6. Mias tarde, em 1944, TEIXEIRA, publicou *Estudos de dialetologia portuguesa; linguagem de Goiás*. No prefácio, assegura ser “fruto de dois anos de laboriosas pesquisas pelo extenso Estado” e considera que a obra traz em seu bojo “as gemas do linguajar de, pelo menos, três quartas partes de sua população”. (p. 7) Os fatos registrados e as estruturas lingüísticas analisadas nesta obra, por vezes, partem do farto material, anteriormente coligido, apresentado pelo pesquisador em outra sua obra, *Folclore goiano: cancionero, lendas, superstições*. No prefácio, da 1ª edição esta última, escrita em 1940, explica o autor a modalidade da coleta feita do material lingüístico: “do total do Cancioneiro que apresenta, 95% foram anotadas por mim mesmo sob ditado dos caboclos, com a pronúncia mais exata possível. Não poucas vezes usava do seguinte artifício para me certificar da prolação de tal fonema, se fora acaso ou se era habitual. Dizia ao contador que não ouvira bem e pedia que repetisse, por que escutava mal daquele ouvido. E assim, sob repetição, conseguia certeza da pronúncia desejada sem melindre do sertanejo” (Cf. 2. ed. 1959, p. 17).

AVANÇO, em 1967 refere-se, em seu artigo “Condições bio-sócio-econômicas da língua em Goiás”, ao pioneirismo significativo dos

estudos lingüísticos de TEIXEIRA, porém assegura: "em nosso território goiano dentro do imenso torrão brasileiro, os estudos lingüísticos ainda não se despertaram para a dialetologia, para a realidade da lingüística aplicada (in. *Província de Goyaz*, 1967. p. 234).

As obras até aqui arroladas, que sucederam ao *O dialeto caipira* foram refletindo as preocupações dos estudos parciais dos lingüistas, sem definidos os recursos explícitos da Lingüística. Contudo, refletem a importância dada ao léxico, aos traços fonéticos, às marcas morfológicas e sintáticas dos diversos falares, constituindo, assim, um patrimônio oferecido por esses precursores da Dialetologia Brasileira aos estudiosos da linguagem preocupados com a atualidade moderna. Tais obras têm suscitado e possibilitado novas perspectivas de análise, algumas constatações, cotejos e comparações acerca desse material (v. ELIA, 1976. p. 178-255; MELO, 1975 p. 95 e SILVA NETO, 1957 p. 273).

Uma distinção deve ser dada aos estudos e às várias tentativas de demarcações das áreas dialetais que alguns lingüistas oferecem com base nesse material. Apresentam o zoneamento usando critérios de ordem lingüística conjugados com critério histórico-cultural. Essas áreas dialetais brasileiras, compreendendo diferentes classificações, podem ser conhecidas nos registros de: Antenor Nascentes (1953, p. 20-26); Serafim da Silva Neto (1976, p. 127-144) e Sílvio Elia (1976, p. 226-232).

O filólogo Serafim da Silva Neto, em 1957, ao publicar a 2ª edição e seu *Manual de filologia portuguesa*, faz breve citação dos nomes desses que chamamos precursores. Dá a entender de maneira sutil o que fizeram e conclui sobre o que já está feito na área da Dialetologia no país: "Como se vê, a colheita é muito pequena para tão grande campo como é o Brasil. E além disso, como as pesquisas não foram levadas a cabo de modo uniforme, os resultados não podem ser rigorosamente comparados. Para chegar-se ao desejado estudo comparativo de nossos falares é preciso submetê-los ao mesmo questionário, cuidadosamente pré-organizado.

É preciso reconhecer-se, porém que a imensa vastidão do Brasil dificulta as pesquisas que, de certo, sobrepujam as forças de um só investigado e precisam da atividade de um grupo de pesquisadores bem orientados". (Cf. p. 273).

A partir da década de 60, o panorama dos estudos dialetológicos tomam um novo rumo no Brasil, com os trabalhos de pesquisa em equipe desenvolvidos sob a orientação científica do professor Nelson Rossi, introdutor das pesquisas sistemáticas de Dialetologia no país. Com base na Geografia Lingüística, quem sabe com o intuito da

instituição, num futuro próspero, das linhas de um Atlas Lingüístico do Brasil, foi por ele organizado o *Atlas prévio dos falares baianos* (v. 1965).

O tratamento geográfico da descrição lingüística empreendida pelo professor ROSSI (1963 — 1965) e sua equipe de alunos da Universidade da Bahia é apreciado, descrito e comentado pelo lingüista J. Mattoso Câmara Jr. (v. *Dispersos*. 1972, p. 222-3).

ROSSI é o “Decano dos dialetólogos brasileiros”, segundo as palavras de Ataliba T. de Castilho que assim explica a situação atual (1988) do mapeamento lingüístico no Brasil:

“Vários grupos de pesquisadores foram constituídos, para enfrentar a hercúlea tarefa do mapeamento lingüístico de nosso vasto território. E se ainda estamos distanciados de um Atlas Lingüístico do Brasil, não é menos certo que pelo menos 4 áreas estão estudadas (Bahia, Sergipe, Minas Gerais e Paraíba), e mais 4 em curso de realização (Rio Grande do Sul, São Paulo, Ceará e Paraná) graças aos esforços de Nelson Rossi (Bahia e Sergipe), Mário Roberto Zágari e outros (Minas Gerais), Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleusa Palmeira Bezerra de Menezes (Paraíba), Heinrich Bunse (Rio Grande do Sul), Pedro Caruso (São Paulo), Vanderici de Andrade Aguilera (Paraná) e José Rogério Fontenelle Bessa (Ceará). (Cf. “Apresentação” In. ARAGÃO. 1988, p. 7).

Outras pesquisas, decorrentes de iniciativas individuais ou mesmo grupais, têm surgido incentivadas pelos cursos de Pós-graduação nas universidades nas últimas décadas. Mostram a convivência da dialetologia sincrônica com a dialetologia diacrônica, ratificando com esses estudos lingüísticos modernos, a afirmação de Celso Cunha de que “a dialetologia horizontal e a vertical não são mutuamente exclusivas (1970, p. 58).

Quanto à Geografia Lingüística, em âmbito mundial, foi ela instituída a partir de 1902, com o aparecimento do Atlas Lingüístico da França (1902 — 1912) realizado pelo suíço Jules Gilliéron com a colaboração do pesquisador Edmond Edmont. Sobre esse assunto são abundantes as informações. Podem ser conhecidas, assim como a larga repercussão que tivera o método cartográfico no exame da realidade lingüística, através dos estudos e registros sobre a Dialetologia e a Geografia Lingüística (v. ALVAR, 1969; CUNHA, 1970; MALMBERG, 1971 e SILVA NETO, 1957; entre outros).

A Geografia Lingüística revolucionou os estudos lingüísticos, a

ponto de Meillert, difusor das idéias da escola sociológica francesa, dizer: "Partout où l'on a pu appliquer la méthode géographique, elle a donné lieu à des progrès décisifs". (apud SILVA NETO, 1957. p. 201).

Os novos atlas lingüísticos que estão surgindo têm demonstrado que o método geográfico tem permitido critérios mais amplos de exploração e projetos mais ambiciosos para os geógrafos lingüistas do que aqueles provindos do início do século, ou da lingüística estrutural, esta já questionada por volta de 1954, por Uriel Weinreich e suas crenças na fonologia gerativa (v. ROSSI, 1974. In. RODRIGUES, 1974, Prefácio, p. 11-17 e WEINREICH, 1954, p. 288-400).

As palavras finais, sobre a Geografia Lingüística e a Dialetoлогия atual, nesta altura de nossa comunicação, são tomadas do lingüista e geógrafo lingüista que têm revolucionado com suas idéias e explorações as modernas dimensões atuais da Dialetoлогия:

"Hoy nadie duda del acierto de estudiar juntas 'palabras y cosas'. En puridad, las Atlas lingüísticos más recientes son, con idéntico derecho, etnográficos" e conclui com probidade que "(...) la dialectología no se ha clausurado en unos métodos que inventó, desarrolló y actualizó, sino que há participado en la evolución de la lingüística discutiendo, aceptando o rechazando las innovaciones metodológicas que pudieran venir de cualquier campo: lo que tampoco es muestra e decrepitud" (1969, p. 19 e 145).

Retomando o assunto sobre os estudos dialetológicos no Brasil, pelo exposto, somos dada a conceber a noção de três etapas na conformação da Dialetoлогия Brasileira:

- 1ª etapa, antes de 1920, a da coleta assistemática dos termos regionais;
- 2ª etapa, a partir de 1920 até 1960. Iniciada com o trabalho de AMARAL. Etapa da procura de caracterização de dialeto, falares e subfalares regionais.
- 3ª etapa, a partir de 1960 até os dias atuais. Iniciada com o mapeamento científico lingüístico. A da coleta sistemática e do rigor científico.

3. SINOPSE DE UM ESTUDO DIALETAL ORIENTADO POR ENFOQUE SOCIOLINGÜÍSTICO

Manuel de Paiva Boleu, certa vez, registrou, para explicar sobre a investigação preliminar que contribuiu para o esclarecimento do material lingüístico, as palavras orientadoras de Rodolfo Meringer:

"A charrua, o tear e a casa têm igualmente a sua origem no

espírito, e por isto são tao interessantes como uma lenda, como uma superstição, como uma cançãozinha popular. Todas as bagatelas da casa e do casal rústico, os trastes da casa, os instrumentos agrícolas, o carro, as técnicas das indústrias caseiras e das indústrias manuais, etc. tudo isso oferecia o mais alto interesse porquanto uma quantidade de velhas palavras viriam à luz; (...) "(Cf. apud SILVA NETO, 1976. p. 199). E é o próprio Serafim que complementa o trecho citado com suas explicações:

"Tais estudos fazem-se com o auxílio de ilustrações copiosas: figuras, desenhos e fotografias.

Com monografias assim feitas, poderemos, tanto quanto possível à distância de séculos, 'penetrar' nas várias comunidades lingüísticas(...)".

Apenas transcrevemos estes trechos para esclarecer, em parte, o objetivo principal que é o de ratificar que "a linguagem, como sistema de símbolos, situa-se num nível superorgânico, mas depende do mundo físico numa maneira das mais estreitas" (Cf. CÂMARA Jr. In. JAKOBSON, 1970, p. 173).

Ciente disto e incentivada pelos cursos de Pós-graduação da Universidade de São Paulo, na área de Letras, iniciamos em Goiás o estudo da linguagem das tecedeiras — mulheres tecelãs dedicadas ao trabalho da tecelagem artesanal no rústico tear de pedais. É um significativo ofício nas tradições goianas. Compreende o desempenho também da tecedeira na fiação, no tingimento e em numerosas operações que vão, explicadas a grosso modo, desde a obtenção da matéria-prima, passando pela preparação do fio e da tecelagem, até chegar à apuração do tecido em suas diferentes variedades. Tecidos usados para o vestuário e outras finalidades domésticas.

Localizadas as informantes, em doze municípios do Estado de Goiás (Aparecida de Goiânia, Bela Vista de Goiás, Guapó, Hidrolândia, Varjão, Trindade, Catalão, Cumari, Davinópolis, Goiandira, Nova Aurora e Ouvidor) empreendemos a pesquisa de campo que durou de 1975 a 1982. Foi feita em curtos e descontínuos espaços de tempo de atuação em campo e bem mais intensificada em visitas durante as férias escolares e seguiu as praxes usuais.

Através da observação participante, fomos familiarizando-nos com as 60 informantes localizadas e selecionadas — aquelas cuja idade ultrapassasse os 25 anos e que tivessem nascido na região pesquisada e nela residissem há mais de 5 anos.

Além da observação direta, na investigação da informante no

seu dia-a-dia, utilizamos de instrumentos próprios da pesquisa de campo: questionário, gravações em fita cassete e, ainda, entrevistas informais com elementos de sua família.

O convívio com as tecedeiras permitiu a coleta de rico material lingüístico que foi compondo o "corpus", lingüístico, composto pelo universo lexical das tecedeiras, pelos textos de suas curiosas receitas para tingir e suas falas, à medida que nos inteiravam de suas técnicas e nos mostravam como se colhe, limpa e prepara o algodão; como se dobra ou se enovela o fiado ou gira o fuso; como se toca a roda-de-fiar e se urde e se maneja o tear; como se seleciona e se tingem o fiado; como se escolhe a planta tintorial e se prepara a tinta. Fomos coligindo frases e pronúncia, anotando expressões e decodificando-lhes a significação. Ao mesmo tempo, fomos coletando um importante acervo iconográfico, documentando o possível.

Pelo isolamento em que vivem as artesãs, pois muitas moram em fazendas e outras em cidades do interior do Estado, levam uma vida tipicamente campesina, em suas modestas habitações longe dos grandes centros. Seus meios de vida são os mais precários. Segundo as averiguações feitas, a economia do grupo social das tecedeiras tem como base a mão de obra familiar.

A maioria esmagadora das 60 informantes mostrou ter o mínimo do mínimo de instrução. Apenas uma delas continuava os estudos além da 1ª fase do 1º grau. Toda as outras aquém deste nível. As semi-alfabetizadas, com menos de um ano letivo, de escolaridade, eram 14 e as analfabetas 35. Até a 4ª série concluída, havia 4 informantes, entre elas uma continuava os estudos. As alfabetizadas, com mais de um ano de escolaridade e menos de quatro, eram em número de 7.

O "corpus" lingüístico constituído, mesmo com as omissões que se possam apontar, retrata a realidade da interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua.

Em princípio, o enfoque teórico teria que partir da Sociolingüística, para estudo lingüístico do material coletado, já que a ela cabe a tarefa de revelar a covariação entre os fenômenos lingüísticos e sociais (v. BRIGHT e v. FISHMAN In. FONSECA & NEVES, 1974, p. 17-40). A Sociolingüística concebida como "parte da lingüística, cujo domínio se divide com o da etnolingüística, da sociologia, da linguagem, da geografia lingüística e da dialetologia" (Cf. DUBOIS et alii, 1978, p. 561). Afirma por sua vez Paulino Vandresen que pela amplitude do campo e estudos da Sociolingüística ela vem abrigo sob o seu rótulo todos os estudos em que o lingüístico e o social estão de alguma forma correlacionados (Cf. FONSECA & NEVES, 1974, p. 10).

Com esta convicção e numa tentativa de análise sincrônica da fala das tecedeiras, considerando as mensagens emitidas pelas falantes como parte de toda a constelação de traços sociais e culturais do grupo sócio-cultural (v. MIRANDOLA, 1983, cap. 3 e MIRANDOLA no prelo) é possível, com as devidas cautelas que o trato para com o lingüístico merece, assimilar características tais que denotam ser essa fala da comunidade lingüística das tecedeiras um possível dialeto, ou de uma variedade lingüística sobrevivente em Goiás, difundida nos primórdios da história da região pela chegada dos primeiros bandeirantes às terras dos índios goiases (v. SOUZA, (1812). In. TELES, 1978, p. 73-83).

Uma variedade lingüística de menor prestígio, um dialeto social que se liga por muitos traços à variedade padrão — a língua portuguesa padrão do Brasil — nitidamente ensinada na escola, expressa nos documentos oficiais e nas obras literárias — mas com ela contrasta, marcada com desvios fônicos, morfológicos e sintáticos.

A fala das tecedeiras guarda peculiaridades que podem figurar entre aquelas evidenciadas no *O dialeto caipira*, em 1920, por Amadeu Amaral, estudando o falar do caipira.

Como não foi possível nos servir de um laboratório de fonética na interpretação dos dados do “corpus”, mesmo assim não deixamos de levantar as características fônicas.

Servimo-nos de um sistema de transcrição fonética, formalizado por PAIS (1979, p. 8-10) e por ARAGÃO, (1972) e fomos encorajada pelas palavras de MALMBERG: “El aparato más importante del foneticista es su oído”. (1970, p. 98).

A seguir, oferecemos uma mostra dessa fala, através da leitura de algumas receitas para tingir com vegetais tintoriais fornecidas pelas informantes:

1. Receita para tingir com Aroeira (*Astronium urundeuva*) (Fr. All. Engl.).

Depoimento da informante 45. M. M. M. 10. GO. S. OUV.:

“Soca bem socadinha a casca da aruera. A casca de baxo, de cima do pau. Freve mais de hora pra largá a tinta.

Móia as miada no cardo da tinta. Passa no barro de chiquero, barro molim, lama molinha do chiquero. Sabe, né!?”

Põe as miada secá no sol, sol forte, até pispia secá dereito. Num dexa inxugá dereito e passa traveis na tinta e no barro e põe secá no terrero.

Fais isso inté treis veis, mode lavá de veis e pô secá dentro de casa.

Secá no arame, aculá! Sabe né!? O sol sapeca”.

2. Receita para tingir com Anil verdinho (*Indigofera suffruticosa* Mill.).

Depoimento da informante: 31. L. L. F. 08. GO. S. HID.:

“Iscói o anili. Lava ele. Põe de moio na água fria, num pote. Na lata também é bão.

Enche a asia de água, carca as foia no fundo.

Com 24 hora tira aquele anili, espreme os ramo, joga fora e põe o tra câmada de anili.

Põe 3 camada em 3 dia, Cada dia põe 1 camada.

A água fica verdinha. Agora põe uma diquada forte o soda. A soda é de pô poco porque é forte.

Põe até taiá. Ele taia assim que nem quaiada de leite.

Fica taiadim na mão. Tira a palma da mão e vê que tá taiadim.

Agora bate e vai ficano azulinho. Vai escumano. Daí tampa a vasia, deixa ela quetinha.

Quando é no otro dia o mingau do anili tá assentado no fundo da vasia e a água de cima escorre, num presta. Escorre até dá no mingau do anili.

Agora põe mais um poquim de diquada ou de soda no mingau de anili.

Bate um poquim com a mão e guarda traveis a vasia tampada no soli.

Deixa passá 3, 5 dia e vai lá e oia. Quando ele azeda fica azulinho. Leva a mão devagarinho lá, ela sai azulinha. A hora que a mão tivé azulinha tá bão de levá as miada pra tingi. Põe no pote de anili as miada, dexa posá. Daí tira, esfrega, põe no soli até enxumbrá. Torna a pô dentro do anili. Pode pô muitas veis. Toda hora que esquentá põe no anili. Quando ela tá boa dexa enxugá, daí põe numa vasia. Põe em riba dela uma água frevendo, e dexa ficá nela até esfriá.

Hora que esfriá lava bem até ficá limpinha a água, senão apodrece as miada com a diquada. Ai bota enxugá. Tá pronta”.

Concluindo, vamos evidenciar, para configurar as experiências verbais da comunidade observada, apenas alguns elementos característicos fônicos e morfo-sintáticos que ocorreram na fala e possibilitam considerar a variedade linguística das tecedeiras uma variedade subpadrão. É apenas uma amostra, pequenos extratos:

A — Quanto aos fonemas vocálicos, assinalem-se as variantes mais comuns:

1. Neutralização da oposição e/i arquifonema /I/

- | | | |
|--------------------|-------------------|------------------|
| a) posição inicial | b) posição medial | c) posição final |
| iscóí | infiliz | sábi |
| (escolhe) | (infeliz) | (sabe) |

2. Neutralização da oposição ê /i/ arquifonema /Ī/

- | | |
|------------|-------------|
| a) inicial | b) medial |
| imbora | intindibu |
| (embora) | (intendido) |

3. Neutralização da oposição /o/ /u/ arquifonema /U/

- | | | |
|------------|-------------|----------|
| a) inicial | b) medial | c) final |
| cupri | tamburêti | liçu |
| (cobri) | (tamborete) | (liço) |

4. Neutralização da oposição /ō/ /ū/ arquifonema /Ū/
cum (com)

5. Neutralização da oposição /s/ /z/ arquifonema /Z/
poizé (pois é)

6. Neutralização da oposição /z/ /s/ arquifonema /S/
veis (vez)

B — Quanto às dezenove consoantes são susceptíveis de concretizarem-se assim:

1. /p/
/p/ como em: pânu (pano)
2. /b/
/b/ como em: bânçu (banco)
/m/ como em: mocadim (bocadinho)
/v/ como em: gava (gaba)

3. /t/
/t/ como em: tecidu (tecido)
/Ts/ como em: pênti (pente)
4. /d/
/d/ como em: dama
/dv/ como em: parédi (parede)
/l/ como em: liquada (decoada)
5. /k/
/k/ como em: macaco
/g/ como em: musga (musica)
6. /g/
/g/ como em: órgãu
7. /m/
/m/ como em: lama
8. /n/
/n/ como em: pânu (pano)
9. /ñ/
/ñ/ como em: linha
10. /f/
/f/ como em: fiádu (fiado)
11. /v/
/v/ como em: vara
/b/ como em: bamu (vamos)
/g/ como em: gumitá (vomitar)
12. /s/
/s/ como em: semênti (semente)
/sv/ como em: xúju (sujo)
13. /z/
/z/ como em: zurra
14. /sv/
/sv/ como em: rôxu (roxo)

15. /zv/
/zv/ como em: alvejádu (alvejado)
16. /l/
/l/ como em: labirintu (labirinto)
/l/ como em: alvínhu (alvinho)
/w/ como em: colorau (coloral)
/r/ como em: pranta (planta)
/r/ como em: (zero fonético) comecem: caracó (caracol)
17. /y/
/y/ como em: folha
/y/ como em: fornaia (fornalha)
/0/ (zero fonético) como em: coxoni (coxonilho)
18. /r/
/r/ como em: lançadera (lançadeira)
/R/ como em: párdú (pardo)
/h/ como em: rosà
/y/ como em: tóito (torto)
/r/ como em: parasitáriu, como em: jarca (jaca)
/l/ como em: teal (tear)
/w/ como em: sèrvíçu (serviço)
/0/ (zero fonético) como em: fiá (fiar)
19. /rr/
[rr] como em: barriga

C — As doze vogais assim se concretizam:

1. /a/
[a] como em: carmim, rálu (ralo)
[â] como em: râmu, lama/
[0] (zero fonético) como em: suceñă (açucena), pacăti (abacate)
2. /ã/
[ã] como em: câmpu (campo), gâncu (gancho)
3. /&/
[&] como em: perna, écu (eco)
4. /e/
[e] como em: dedal, seda
[ê] como em: lenha, peninha

5. /ê/
[ê] como em: pēnti (pente), corrēnti (corrente)

6. /i/
[i] como em: fivela, ipê
[î] como em: linha, mineira minera

7. /î/
[î] como em: tinta

8. /a/
[a] como em: roda

9. [o] como em: coberta
[ô] como em: comêçu (começo)

10. /ô/
[ô] como em: conta

11. /u/
[u] como em: urubuzim
[û] como em: cunha

12. /û/
[û] como em: juntá (juntar)

D — Por sua vez as Semivogais, em número de duas, assim se realizam:

/y/
[y] como em: ôitu (oito)

/w/
[w] como em: pau

E — Diversos são os fenômenos fonéticos. São realizados:

1. Prótese, como em: aprega (prega)
2. epêntese, como em: latrinha (latinha)
3. anaptixe ou suarabácti, como em: fulô (flor)
4. paragoge ou epítese, como em: aníli (ail) }
5. aférese, como em: bana (abana)
6. síncope, como em: duda (dúvida)
7. apócope, como em: fervê (ferver)
8. sinalefa, como em: fac'idéia (façam idéia)
9. eclipse, como em: co'as (com as)
10. metátese, como em: satisfaçu (satisfação)

11. vocalização, como em: toito (torto)
12. redução de ditongos e vogais, como em: taba (tábua)
13. redução morfofonêmica do grupo nd, como em: ficano (ficando)
14. alargamento de vogais em ditongos, como em: cruís (cruz)
15. retorno ao grupo iode (iotização), como em: paia (palha)
16. despalatização, como em: miu (milho) |
17. ditongação morfofonêmica de vogal consoante s/z em monossílabos ou dissílabos oxítonos, como em: veís (vez), arroís (arroz), nós (nós).
18. desnasalização pela apócope, como em: vírgi (virgem)
19. juntura morfofonêmica, como em: batárdi (boa tarde)
20. permuta de /l/ medial por /r/ (rotacismo), como em: pranta (planta)
21. degeneração, como em: barrê (varrer)

F — Características morfológicas. Tais como:

1. flexão:

- 1.1. franco predomínio do uso de diminutivos, como em: azulinha, sementinha;
- 1.2. uso e diminutivo com — im em vez de — inho, como em: poquim, boizim;
- 1.3. outros sufixos, como em: ajudança, letraíada;

2. simplificação ou redução de flexões:

- 2.1. de número nos nomes (plural evidenciado apenas nos determinantes), como em: as miada, as foia;
- 2.2. de gênero e/ou número, como em: a cor (...) é. fêiu (é feia)
- 2.3. de formas verbais, como em: nósí dévi (devemos)
- 2.4. uso do indicativo pelo imperativo, como em: leva a fervê (leve a ferver)

3. uso de expressões de tratamento como: ôce, seu sá.

4. uso de adonde substituindo aonde (a que lugar) e onde (em que lugar):

adôndi ocê mora?

ocê vai adôndi?

G — Características sintáticas:

Os estudos empreendidos confirmam que a fala das tecedeiras conserva os padrões de prolação das gerações do passado.

A melodia frasal é muito descansada e arrastada.

Em seus estudos dialetológicos, na década de 40, José Aparecida Teixeira já considerava a fala das populações de Goiás “uma fala descansada, lenta” e a das zonas rurais “extremamente descansada” (1944), p. 33).

Quanto à sintaxe, há certas constantes:

- a) Uso de frases curtas e certa autonomia, como:
A água fica verdinha.
O capitão dá duas tinta
- b) Truncamento frásico, como:
É u báu. É o têmpu que fais.
- c) Repetição de negativa, como:
Náu fica escuru, náu.
Num dá cor nium.
- d) Uso de expressões estereotipadas para estabelecer contacto, como:
aí passa as miada.
Daí, depois né, tira (...)
- e) Falta de concordância verbal em decorrência da redução e flexões verbais.
Essas tocha fica lá.
Nóis compra u algodão súju
- f) Uso da conjugação perifrástica com gerúndio:
Ia tingínu. Anda fiânu.
- g) Uso do pronome pessoal do caso reto em função de objeto
Vi ela. Laiga éli

H — Algumas Ocorrências Lexicais

1. Vestígio ou conservação de formas arcaicas da língua portuguesa bem como do português dos tempos mais antigos, como os seguintes:

atualizações:

açambarcá
artêru
brábu
despois, dispoeis
lançol
menhã, minhã
tecimêntu

formas arcaicas:

açambarcar
arteiro
brabo
depois
lançol
manhã
tecimento

2. Emprego permanente, de mais de uma variante na atualização de uma forma lexical, como:

para rastelo: restêlu, resteiru, restêru para coradoiro: coradó, quaradó, quarador

3. Uso de corruptelas, como:
fósqui (fósforo), bróia (abrolho).

4. Formação de palavras: (enriquecimento quantitativo do inventário lexical com a formação de palavras ou expressões motivadas pela interação lingüística do grupo, especificamente ligadas à atividade funcional).

forma atualizada:

baguim de arrois
casca di laranja
penca di linha.

decodificação:

padrão de tecido
nome de repasso e de tecido
conjunto de novelos

I — O universo lexical das tecedeiras reflete as atividades funcionais do grupo.

1. Instrumental da tecelagem

balança-di-pau
carda
fusu

roda-de-fiá
tear di ruzeta
urdidera diencôstu

2. uso de plantas:

caparrosa
ipê amarelu
pau santo

coresminha
ruivinha
anfli, anil, anilim

CONCLUSÃO

Para concluir, aqui vão consignados das falas das tecedeiras alguns fragmentos para que o interessado nos estudos do português do Brasil os decodifique:

- a) Cúmu Deus qué a gênti vívi
 b) já tici inté dinoiti na luis da candeia
 c) num fáçu pânu di córti, já fiçu múntu, sá dona.

Terminamos a nossa comunicação, embasada na obra MIRANDOLA, 1983, com a esperança de que o nosso despretenhoso estudo inspire outras obras sobre a linguagem de Goiás. A seara é fértil. Há muito o que estudar no português do Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- ALVAR, Manuel. *Estructuralismo, geografía lingüística y dialectología actual*. Madrid, Gredos, 1969.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3.ed. São Paulo, HUGITEC, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Bibliografia dialetal brasileira*. João Pessoa, UFPb, 1988.
- . Princípios e métodos para uma descrição fonológica do português e princípios e métodos de descrição fonética; “2º Curso Integrado: Língua — Literatura — Lingüística”. Goiânia. out. 1972 (mimeo).
- AVANÇO, Douglas. Condições: bio-sócio-econômicas da língua em Goiás In *Província de Goyaz* 1(2): 29 — 39, dez. 1967.
- BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática: opressão? liberdade?* São Paulo, Ática, 1985.
- BERNSTEIN, Brasil. *Langage et classes sociales: codes socio-lingüísticos et contrôle social*. Paris, Les Éditions de Minuir, 1975.
- BRIGHT, William. As dimensões da socio-lingüística — In. FONSECA, Maria Stella V. & NEVES, Moema F. (org.) — *Sociolingüística*. Rio de Janeiro, Eldorado Tijuca. p. 17 — 23.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. Antenor Nascentes e a filologia brasileira. In. *Revista de Cultura Vozes*. Petrópolis, Vozes, 60 (6): 459 — 462, 1966.
- . *Dispensas de J. Mattoso Câmara Jr.* Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1972.
- . *Estrutura da língua portuguesa*, Petrópolis, Vozes, 1976.
- CASTILHO, Ataliba T. de. O estudo da norma culta do português do Brasil. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, Vozes 67(8): 62 — 25, out. 1973.
- COHEN, Marcel. *Matériaux pour une sociologie du langage*. Paris, François Maspéro, 1971.
- CORUJA, Antonio Alvarez Pereira. Coleção de vocábulos usados na província do Rio Grande do Sul. In. *Vocabulário Sul* —

- Rio — *Grandense*. Porto Alegre, Globo, 1964.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 5. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1962.
- CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970.
- DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de lingüística*. São Paulo, Cultrix, 1978.
- ELIA, Sílvio. *Ensaio de filosofia e lingüística*. 3 ed. Rio de Janeiro, Grifo, 1976.
- FISHMAN, Joshua A. Sociologia da linguagem In. FONSECA, Maria Stella V. & NEVES, Moema: F. *Sociolingüística*. Rio de Janeiro, Eldorado Tijuca, 1974. p. 25-40.
- FONSECA, Maria Stella V. & NEVES, Moema F. *Sociolingüística*. Rio de Janeiro, Eldorado Tijuca, 1974.
- GARCIA, Rodolfo. Dicionário de brasileirismos. Peculiaridades pernambucanas. In. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, (76): 633 — 947, 1913.
- HEYE, Jürgen. Sociolingüística. In. PAIS, Tidmar Teodoro et alii. *Manual de lingüística*. Petrópolis, Vozes, 1979.
- JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1971.
- . *Fonema e fonologia*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1971.
- . *Lingüística. Poética. Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- LANGACKER, Ronald W. *A linguagem e sua estrutura*. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1975.
- MALMBERG, Bertil. *La fonética*. 4. ed. Buenos Aires, EUDEBA Editorial, 1970.
- . *As novas tendências da lingüística; uma orientação à lingüística moderna*. São Paulo: Nacional/Editora da USP, 1971.
- MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. 2. ed. São Paulo, 1945.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1975.
- MIRANDOLA, Norma Simão Abad. *As tecedeiras de Goiás; estudo filológico e lingüístico da sua linguagem*. São Paulo. USP., 1983 (tese).
- . *As tecedeiras de Goiás; estudo lingüístico, etnográfico e folclórico*. Goiânia, Universidade Federal de Goiás, CEGRAF (no prelo).
- MONTEIRO Clóvis. *A linguagem dos cantadores*. Rio de Janeiro, 1933 (tese).
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro, Organizações Simões 1953.

- PAES, Elpídio Ferreira. Alguns aspectos da fonética sul — riograndense. Separata da *Revista do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 17(4), 1938.
- PAIS, Cidmar Teodoro. Elementos de fonologia estrutural. In. *Manual de lingüística*. Petrópolis, Vozes, 1977.
- PIERSON, Donald. (org.) *Estudos de organização social*. São Paulo, Martins, 1949, t. 2.
- PINTO, Edith Pimentel (Seleção e apresentação) *O português do Brasil: textos críticos e teóricos (1 — 1820/1920; 2 — 1920/1945) fontes para a teoria e história*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e científicos; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- PRETI, Dino. *Sociolingüística: os níveis de fala*. São Paulo, Nacional, 1974.
- RODRIGUES, Ada Natal. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo, Ática, 1974.
- ROSSI, Nelson. A dialetologia. *Alfa — Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília*. Marília (11): 89 — 115, mar. 1967.
- . *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro, INL, 1965.
- . *Atlas prévio dos falares baianos. Introdução: questionário comentado, elenco das respostas transcritas*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1965.
- SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença; Brasília, INL, 1976.
- . *Manual de filosofia portuguesa; história, problemas, métodos*. 2. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957.
- SOUZA, Luiz Antônio da Silva e. Memórias sobre o descobrimento, governo, população e coisas mais notáveis da Capitania de Goiás (1812). In. TELES, José Mendonça. *Vida e obra de Silva e Souza*. Goiânia, Oriente, 1978.
- TEIXEIRA, José A. *Estudos de dialetologia portuguesa; linguagem de Goiás, São Paulo, Anchieta, 1944*.
- . *Folclore goiano; cancionero, lendas, superstições*. 2. ed. São Paulo, Nacional, 1959.
- . O falar mineiro. Separata da *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, (45), 1938.
- WEINREICH, Uriel, Is a structural dialectology possible? *Word* (10): 388 — 400, 1954.